

## O homem como sujeito da realidade da saúde

Alexandre Visconti Brick MD, PhD

Professor da Faculdade de Medicina da UnB

Pós-Graduação em Ciências da Saúde/ FAMERP

Os momentos de transformação organizacional constituem potencialmente uma oportunidade para reorganizar o trabalho de tal forma que a qualidade de vida e a eficácia organizacional sejam melhoradas. Será que, apesar da turbulência, estamos acordando de um pesadelo para um país mais justo, com menos corrupção, com políticos que realmente pensem em trabalhar para o enriquecimento do Brasil e melhoria da população e não somente em suas vantagens pessoais?

A saúde é uma área em que se tem que trabalhar em conjunto, com organização, com competência, com satisfação, com salários e honorários justos e sem corrupção.

Em relação ao trabalho, temos vários exemplos de personalidades ilustres da Medicina e de outras áreas da saúde que demonstraram sua importância e sabedoria.

Citamos dois exemplos:

Aula proferida há muitos anos aos alunos do curso de Medicina por Sir Wiliam Osler, Professor régio de Oxford. Foi ele quem criou o conceito de internato para os alunos de Medicina. Dizia:

- O dever – “Parece ser um dever inelutável em tal ocasião, ser honesto e franco de modo que proponho contar-lhes o segredo da vida, do

modo que eu vi o jogo ser jogado, e como tentei eu mesmo jogá-lo...”

-A proposta – “Isto eu proponho dar-lhes, na esperança, sim na completa certeza de que alguns de vocês, pelo menos, o captarão para seu proveito”.

- A palavra – “ Embora pequena, a palavra mestra agiganta-se no seu significado: **trabalho**”.

- O significado – “Ele é o abre-te sésamo a todas as portas, o grande equalizador do mundo, a verdadeira pedra filosofal que transforma todo o metal impuro em ouro”.

- O estudante (candidato a médico) – “ O tolo dentre vocês ele fará inteligente, o inteligente brilhante, e firme o estudante brilhante”.

- Aos internos e residentes: “Com a palavra mágica no coração, todas as coisas são possíveis, e sem ela todo estudo é inutilidade e aborrecimento”.

- Milagres da vida – “Os milagres da vida estão com ele. Ao jovem traz esperança, ao maduro, confiança, ao idoso, repouso... ele é diretamente responsável por todos os avanços na medicina durante os últimos anos”.

Meu mestre, o imortal Professor Zerbin, dizia: “Nada resiste ao trabalho”. Foi exemplo de trabalho e dignidade humana, sendo sua mais importante contribuição a

criação de uma escola cujos discípulos estão em toda a América Latina, principalmente. Morreu feliz, com mais de 80 anos, trabalhando. Nunca se aposentou de verdade, mesmo quando, aos 70 anos, de acordo com a legislação vigente, foi aposentado compulsoriamente na Universidade.

O que se passa no cenário nacional é a existência de um ensino médico defeituoso, com universidades carentes, com criação de novas escolas, quando, na verdade, deveríamos pensar em suprimir algumas, por não podermos lhes dar o mínimo de condições condizentes com seu superior desígnio. O demérito não é privativo da medicina, pois ainda temos analfabetismo no Ensino Básico, Médio e também no Ensino Superior, intercomunicantes em sua debilidade, por falta de uma base sólida.

Os ensinamentos universitários na área da saúde, no Brasil, foram iniciados pela escola francesa, que privilegiava o paciente, como um todo. Hoje o que vemos, com raras exceções, é um ensino mercantilista, demagógico e eleitoreiro, muitas vezes patrocinado pelos órgãos que deveriam regulamentar a prática médica.

Os estudantes, com raras exceções, não querem nem ouvir falar da teoria do aprendizado adulto, de definir suas próprias metas, de desenvolver seu próprio sistema de notas, ou de serem responsáveis pelo

aprendizado dos seus colegas. Eles querem nota e, se possível, dez.

Representando espaço privilegiado na produção do conhecimento e discussão, as escolas reproduzem a lógica fragmentada do cientificismo, deixando de potencializar o que há de mais rico no campo da educação: as relações entre o professor e os estudantes, que mais tarde se refletem nas relações entre profissionais e pacientes, entre quem cuida e quem é cuidado.

A formação dos profissionais de saúde representa terreno árido na educação, pelos questionamentos e conflitos que suscitam constantes transformações e aperfeiçoamento, de acordo com as mudanças nos perfis dos pacientes e das enfermidades.

Discute-se o que deve ser modificado ou implementado primeiro: financiamento, gerenciamento, recursos humanos ou modelo assistencial. Não vejo possibilidade de se separar esses setores: se não há financiamento, não implantaremos modelos, não melhoraremos a eficiência e não haverá recursos humanos em quantidade e qualidade necessárias.

Vivenciamos uma inversão dos setores das várias atividades, principalmente de cunho social, tais como: Medicina, Imprensa, Educação, Política, Direito estão sendo desvirtuadas. Não mais o médico para o paciente, mas o paciente para o médico ou, pior ainda, para os laboratórios e ou hospitais ou,

muito pior, para os intermediários, seguro de saúde, medicina de grupo e até o próprio SUS, sendo manipulados pelos políticos. No lugar dos valores humanos, vemos a valorização dos números.

O quadro sanitário brasileiro deve ser analisado dentro de um país continental e cuja principal característica é a enorme desigualdade entre as diferentes camadas sociais, no que diz respeito à renda, às condições ambientais e ao acesso aos direitos mais elementares, como saúde, educação, moradia e transporte.

A ausência de investimentos em saneamento básico, o aumento da pobreza urbana, a ausência de programas de prevenção com aumento progressivo das doenças crônicas degenerativas, nos leva ao caos na chamada “Saúde Pública”.

O debate sobre formação na área de saúde tem que partir do princípio que não será feita sem uma política de educação em todos os setores. O saber médico exige muito estudo, muita dedicação, amor ao próximo, e deve ser aplicado com arte.

Hipócrates, há quase 2.500 anos, já ensinava que Medicina é ciência e arte. Arte de perscrutar as aflições e os anseios daqueles que se pretende curar. A. Murri nos oferece uma frase lapidar sobre a atuação do médico: “Se pudeses curar, cura; se não pudeses curar,

alivia; se não pudeses aliviar, consola”. Isto somente se consegue com muito trabalho, educação e sempre sem corrupção.

## Referencias

1. Block P. Comportamento Organizacional. 1ª ed. São Paulo: M.Books do Brasil Editora; 2004.  
Porter ME, Teisberg EO. Repensando a Saúde. Estratégias Para Melhorar a Qualidade e Reduzir Custos. 1ª ed. Porto Alegre: Bookman; 2007.
2. Londres LR. Sintomas de uma época: quando o ser humano se torna um objeto. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bom Texto; 2007.
3. Braile D. Crônicas de um médico do sertão. São José do Rio Preto, SP: THS Arantes Editora; 2008.  
Juliano CI, Oliveira PE. Um jeito próprio de cuidar: reflexões e propostas para a área de saúde. Curitiba: Champagnat; 2005.
4. Braile D. Millênium. São José do Rio Preto, SP: Editora Rio-pretense; 2000.
5. Borges JL. Manual de Cardiogeriatría. 3ª ed. São Paulo: Editor Criação; 2012.
6. Nullande SB. A arte de envelhecer. Rio de Janeiro: Objetiva; 2007.
7. Mota AE, Gomes L, Bravo MIS, Teixeira M, Marsiglia RMG, Uchôa R. Serviço Social e saúde - formação e trabalho profissional. 4ª ed. São Paulo: Cortez; 2009.